O ACADEMICO

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

NUMERO 6 — 1 ANNO

A REFORMA
DO
MARQUEZ DE POMBAL
(CONCLUSÃO)

VIII

Assim conhecida a reforma da instrucção popular de 1772, não tinha ella mais do que progredir. El-rei D. José falleceu de alli a cinco annos, tendo tido o bom juizo de conceder carta branca ao ministro, que lhe pagou fazendo passar á posteridade o nome do monarcha enlaçado ao seu nome. O marquez de Pombal descia ao poder deixando nas suas obras a historia do seu governo, e como os dois homens mais celebres do mundo antigo e moderno, um caminhando para a curia nos fataes idos de março, o outro navegando para a ilha do Atlantico, tomava a estrada do desterro pelo crime nefando de regenerar o paiz, cujo leme iam receber as mãos de uma senhora que não pôde com elle.

Vae, toma o caminho do desterro.

Vae expiar no silencio da meditação, não a justiça que as leis fizeram na presença de crimes capitaes, mas o modo deshumano porque a mandaste executar e depois de purificares o teu espirito na religião do pensamento, encara frente a frente os seculos futuros, tu, que desde a batalha do captiveiro em 1578 até á aurora da liberdade em 1820 escreveste na historia de Portugal a pagina mais brilhante do periodo bragantino, tu, que resuscitaste nos curtos momentos de um longo reinado o cadaver da patria, que á tua voz ainda espantou o mundo.

Deixa que ao teu desterro mande a justiça proceder ao inquerito da tua administração publica e das tuas rendas particulares; deixa que os que te deveram tudo só conheçam agora o semi-deus para o injuriar; deixa que a representante do poder supremo, vendo-te desprezar todas as calumnias, menos a de teres defraudado o thesouro, te mande reprehender pela tua *Petição do recurso*, que era o grito da tua consciencia; deixa que a voz da vingança de tanto bradar chegue a enrouquecer nos degraus de um throno que fizeste grande; deixa emfim que a penna vingativa assigne com o perdão dos teus castigos corporaes a sua propria sentença; deixa. Do nome de toda essa gente ninguem já se lembra, ao passo que o teu nome é repetido com admiração pelas nações do mundo.

A revolução, que depois havia de pedir ao ensino o auxilio mais efficaz, ainda não rebentára na Europa, mas já se ouviam ao longe os sons abafados que prognosticavam o abalo.

Quando a Europa reconhecesse a necessidade da instrucção generalisada, a historia portugueza poderia apontar para a reforma do marquez de Pombal. A educação popular tinha de nascer d'aquella fonte.

D. Antonio da Costa.

DA DIFFUSÃO DA POESIA PROVENÇAL
NAS
CORTES PENINSULARES
(conclusão de pag. 27, n.º 4)

Em seguida temos a eschola da *Galliza*, em que se dá a communicação com os trovadores da Aquitania, e onde o elemento ethnico das Asturias, que, tendo resistido á conquista arabe assim como resistiu á unificação politica dos Godos, se inspira de um profundo elemento tradicional, como veremos nas *serranilhas*. Mas este antigo elemento asturiano explica-nos os caracteres fundamentaes da eschola da Galliza. A resistencia dos Asturos aos Godos prova-nos que elles assim como os Cantabros e Bascos pertenciam á antiga raça iberica; e hoje que se sabe que os Gaulezes comprehendiam principalmente o elemento scythico, tornam-se notabilissimas estas palavras de Strabão: «Os *Aquitanos* differem totalmente dos Gaulezes (Strabão confundia estes com os Celtas) não somente pela lingua, mas pela figura que se parece muito com a dos *Iberos*.» (1) Já se vê que a Galliza foi um centro onde o mesmo genio ethnico da Aquitania e dos Asturos se encontra revivescendo com um grande vigor lyrico. Tornam-se aqui de grande auctoridade as palavras de Fauriel, desenvolvendo as observações de Strabão: «Entre os paizes de lingua provençal estão comprehendidos a *Aquitania* de Cesar, e a plaga maritima que se estende desde as boccas do Rhodano até á extremidade oriental dos Pyrineos; e está historicamente constatado que uma lingua iberica esteve antigamente em uso n'estes paizes. Ora, depois de termos encontrado o celtico no provençal, nada ha de extranho em presumir, que tambem se perdessem alguns restos d'esta antiga lingua iberica cuja identidade com o vasconço é incontestavel.» Fauriel exemplifica o seu asserto com certas palavras communs ao basco e ao provençal, como *Aonar*, auxiliar, secundar; *asko*, muito; *bis*, negro; *bresca*, mel; *enoc*, enojo, tristeza; *nec*, triste;

(1) — Ap. Fauriel, — *Histoire de la poesie provençale*: t. 1, pag. 187.

gais, mal, damno; *gaissar*, destruir; *serra*, monte; *gavarrar*, matagal; *rabi*, ribeiro; *grazal gral*, vaso. Por fim conclue: «Todas estas palavras, e uma cincoentena de outras que se poderiam juntar, tem no vasconço exactamente a mesma significação e o mesmo sentido que em provençal. Ha seculos que o vasconço está restricto ás montanhas, longe de poder dar palavras ás linguas visinhas é forçado a tomal-as para exprimir ideias e relações novas do povo que o falla. O provençal não podia tomar do vasconço senão somente aquillo que adoptou nos paizes onde antigamente se fallou a lingua iberica.» (1) Effectivamente na *eschola gallega* encontramos refrens communs tanto á Galliza, como á Biscaia, como o *Alalala*, e este problema importante será particularmente estudado quando investigarmos as origens tradicionaes d'esta eschola.

O uso do gallego ou — portuguez galleziano na poesia de Leão e de Castella, tornando-se assim um dialecto intremediario, tambem se explica de uma maneira natural pelas origens ethnicas; os Vandalos e Suevos haviam occupado a Galliza e o que hoje tem o nome de Castella-velha, e além das causas politicas, esta circumstancia manifestada apenas nos dialectos, fez com que os trovadores castelhanos, como Affonso o Sabio, preferissem versificar em gallego, ate ao principio do seculo X, o que fez dizer com profunda verdade ao Marquez de Santillana: «no ha mucho tiempo cualesquier decidores é trobadores d'estas partes, agora fussen *Castellanos, Andaluzes,* é de la *Estremadura*, todas sus obras componian en *lengua-gallega ó portugueza.*»

Aqui temos determinadas as duas escholas trobadorescas emquanto ás suas origens ethnicas, politicas e litterarias, do Aragão e da Galliza; crêmos que a persistencia do elemento tradicional dá á Galliza um passado muito mais remoto, o que justifica a prioridade que attribuia o Marquez de Santillana, antepondo a todas as escholas as das Gallacias cisalpinas e da provincia da *Equitania*.

As outras escholas são ramos secundarios derivados d'estes troncos.

Lisboa.

THEOPHILO BRAGA.

1 *Ilid.* t. I, pg. 200 e t. III, pg. 299

VERSOS ANTIGOS

Enganou-se senhora; s'eu a fito,
Quando passo na rua abstracto,
É que vejo irradiar-me o infinito
No seu olhar azul e timorato.

Eu vou a procurar o meu destino,
Alguem que se m'entregue em corpo e alma,
Um rosto branco e um labio purpurino,
Uma longa paixão serena e calma.

E vou seguindo as curvas elegantes
Das mulheres que s'expoem no passeio,
A vêr quaes eu quizera para amantes,
Qual me quizera a mim um galanteio.

Bem vê que se enganou, minha senhora,
Crendo-me em Lovelace em bizarria,
Um D. Juan qualquer que só namora
Damas d'alto cothurno e fidalguia.

Eu não procuro aqui os pergaminhos
Nem os grandes érarios das herdeiras;
Bastam-me as pieguices, os carinhos
D'alguem que ame e não escreva asneiras.

Despréso o berço em que fragil senhora
O corpo emballa ardendo de desejos:
O seio da mulher que nos adora
É um leito tambem feito de beijos.

Não procuro os saraus resplandecentes,
Nem dos grandes jarrões as flores extranhas;
Amo, em familia, as festas innocentes
E as rosas orvalhadas das montanhas.

Não me seduz o luxo da opulencia,
Nem os salões de baile da cidade;
Amo bem mais os trajes da innocencia
E a miseria onde vive a orphandade.

Não me tentam os coches blazonados,
Nem as librés dos sordidos lacaios;
É mais doce o correr pelos vallados,
Tem mais brilho e fulgor do sol os raios.

Não quero os palacetes da nobreza,
Nem os ricos crystaes dos seus espelhos;
É mais quente o docel da natureza,
Teem mais valor p'ra mim os Evangelhos.

S'eu a fitei de mais e a fito ainda,
Não veja um calculo vil n'esta insistencia,
Qu'eu olhei a mulher pallida e linda
E não a aristocrata na opulencia,

Não me curvo aos brilhantes do diadema,
Nem do dote ao oiro que me escalda;
E ajoelhava talvez n'ancia suprema
Se lhe visse na fronte outra grinalda.

Perdoe esta franqueza, que o respeito
Vae de passo com ella augusta e calma:
Vi-a atravez das rendas do seu leito
E amei-lhe o corpo, que m'importa a alma?!

Porto—1878.

FELIX D'OLIVEIRA.

O PRESBYTERIO DE VILLA-COVA

(Continuado do n.º 5.º pg. 35)

II

O dia de Entrudo (5 de março de 1878) nasceu esplendido como um dia de Primavera. Eu sai do presbyterio logo de manhã, para dar um passeio pelo passal.

Já se escutava da manada a choca
Ao longo da campina: de outra banda
Alli punha a serrana a lã na roca,
Aqui pastava a cabra a relva branda;
Um guardador além a flauta toca,
Quando a beber o gado á fonte manda:
Ouvia-se alternada em seus amores
A sincera cantiga dos pastores.

Esta oitava de João Xavier de Mattos (Rimas, tom. 1.º, egl. 1.ª) traduz as impressões que pouco mais ou menos recebi.

Eis agora duas das cantigas que pude ouvir:

Não canto por bem cantar,
nem por bem cantar o digo:
só canto p'ra alliviar
penas que trago comigo.

O cantar é pera os tristes,
quem o póde duvidar?
Quantas vezes cantarei
com vontade de chorar!

A poesia popular, já por alguns tão bem comprehendida e estudada (pelo snr. Theophilo Braga por ex.: entre nós) é porém ainda geralmente aborrecida por aquelles que não são *povo*.

A estes talvez desagrade a transcripção que fiz d'aquellas duas estrophes da alma popular. Não importa: tanto direito tem o povo a que as suas composições sejam citadas como os litteratos. O povo não deve passar despercebido: elle é a alma das litteraturas e o foco das tradições; é quem fórma as linguas e quem perpetúa os costumes. Felizmente a revolução que modernamente se tem operado na Europa e no mundo já embarrou de perto com os contos, tradições e poesias populares. Na Inglaterra, França, Allemanha, Hespanha, Italia, Portugal, em toda a parte emfim onde ha gosto e amor pela sciencia, está mais ou menos explorada esta fecunda mina.

Entre nós o *Cancioneiro* e *Romanceiro geral Portuguez*, os *Cantos do Archipelago Açoriano*, a *Floresta de romances* e o *Romanceiro do Algarve*, são as obras mais importantes que sobre o assumpto viram a luz publica em Portugal. É bom que o nosso paiz vá surgindo á vida e acompanhando os paizes estrangeiros.

Honra aos iniciadores!

O Entrudo é um dia de regosijo enorme para o povo: os villacovenses não deixaram de o festejar tambem. A parte de festa em que vou fallar é um *desafio* e um *descante*.

Segundo Andrade Ferreira, os cantos ao desafio trouxeram-os os arabes aos nossos costumes, sendo adoptados pelos provençaes que usáram d'este genero de cantos com o nome de *torneymen* e *tensões*. «— A chamada *arte* de *leixapren*, encontrada n'este genero de canções é uma indubitavel prova. O vocabulo *leixapren* é composto dos verbos *deixar* e *prender*, que inculcam ao vivo a fórma de composição em que é deixado o ultimo verso, para ser tomado e servir de thema e ao mesmo tempo de primeiro verso á quadra do improvisador que se siga. — » (1)

O gosto da dança foi tambem, segundo alguns auctores, introduzido pelos Arabes.

Antes de passar adeante prevenirei os leitores de que em Villa-Cova, como em muitas outras partes, ha as *cantadeiras* e os *cantadores*, que, mediante certo salario, vão cantar em *desafios* ás differentes terras para onde são rogados. Descante onde não entre o cantador e a cantadeira não presta.

O povo deleita-se a ouvir já a cantiga arroubadora e ideal que o cantador dirige á cantadeira, ou vice-versa, já a satira virulenta com que os dous contendedores de vez em quando se obsequeiam.

Agora, que estou fallando de *desafios*, não me posso furtar ao desejo de traduzir aqui a descripção que o viajante Aug. Glardon fez d'este costume popular portuguez:

« — Foi nos campos que a poesia se refugiou. No Minho encontram-se improvisadores rusticos que constituem o ornamento da sua aldeia e a alegria das festas populares. Ha mais ainda: a arte de versificar é geral, e muitas vezes os aldeões juntam-se aos domingos de tarde para verdadeiras justas poeticas chamadas *desafios*. Um moço trabalhador escolhe antagonista e *desafia-o*, propondo-lhe qualquer questão em verso. A reposta, tambem em verso, deve rimar com a pergunta. Prolonga-se a lucta até que o respondente falte com uma rima ou faça um verso coxo. Trocam-se então os papeis: a este pertence propor, e ao outro responder. — » (2)

Os improvisadores não são muito raros. «É principalmente entre o povo, diz o snr. Theophilo Braga, que apparecem naturezas privilegiadas em que a *ideia* e a *expressão* se harmonisam de tal fórma, se coadjuvam, se completam, que suspendem de pasmo quem os escuta... O repentista tem a ignorancia creadora, a não consciencia dos sentimentos que o transportam — » (3)

---

(1) Andrade Ferreira,—*Curs. de litterat. port.* pag. 108.

(2) Aug. Glardon. = *Explorations récents au Portugal*, = apud *Bibliotheque universelle et revue suisse*, n.º 228, Dezembro de 1876.

(3) Hist. da Poes. pop. port., pag. 95-96.

Repentistas ha-os algumas vezes notaveis. (1)

O *desafio* e *descante* a que assisti em Villa-Cova foi muito simples. Reuniu-se á porta de uma venda a maior parte das pessôas da freguezia: depois vieram os *tocadores*, e em seguida começou o desafio entre dous cantadores ao som da rebeca, da viola e dos ferrinhos.

Sinto não poder ter escripto as mordazes cantigas dos dous *poetas*; mas em compensação apresento adeante algumas das cantigas de um *desafio* que uma mulher posteriormente me dictou.

No fim do *jogo floral* começou a dança da chula, que se prolongou por algumas horas.

Eram estes os divertimentos com que os habitantes de Villa-Cova davam o *Entrudo* por terminado, pois-que já no dia seguinte se havia de ouvir na egreja a voz do sacerdote pronunciando o terrivel *pulvis es*.

Pobre Entrudo! —

Eis as cantigas:

Ella: — Tu de lá e eu de cá,
dous ouriços n'uma cêsta:
nunca venceste demanda,
nem agora vences esta.

Elle: — Tu de lá e eu de cá,
pelo meio vae o rio:
muito ha-de ter que ver
este nosso desafio...

Ella: — Se eu soubera tu que vinhas,
Antoninho carpinteiro,
tinha-te a casa varrida
co'um raminho de pinheiro. Etc.

---

(1) Segundo o que se lê n'uma correspondencia de Pernambuco para o *Primeiro de Janeiro* existe (ou existiu) na provincia de Minas um patricio nosso, trabalhador de enxada, chamado Manoel de Almeida Margarida, que é um notavel improvisador. Sendo certo dia levado, como curiosidade, a uma das sessões da sociedade = *Ensaios litterarios* = (no R. de Janeiro) deram-lhe ahi o seguinte mote, que elle glosou logo:

MOTE

Os ensaios litterarios
folgão de o ver em seu seio.

GLOSA

Após soffrimentos varios,
pobre e em continúa lida,
viu o poeta Margarida
os Ensaios litterarios;
Cada um faz commentarios
do que lê, segundo eu creio.
De illustres homens no meio
está um poeta sem estudos;
mas outros homens sisudos
folgam de o ver em seu seio.

É ainda d'elle o que se segue:

MOTE

Não sou na satira forte

GLOSA

É verdade, tenho feito
poesia satirisando,
qual mosquito ferroando,
mas com muito subtil geito.
As leis do paiz respeito,
na injustiça dou côrte;
clamarei até á morte
contra a vil hypocrisia.
Se faço seria poesia,
não sou na satira forte.

(*O Primeiro de Janeiro* n.º 106, de 1877)

José de Almeida Candido (de Beira-Alta), que era cego e costumava andar tocando rebeca pelas terras onde havia festividades, tinha tambem os seus momentos de repentista estando elle uma vez por occasião de certa festa, em companhia de quatro padres e outras pessôas á espera do pregador, que já tardava, perguntaram-lhe:

— Que ha-de ser ó meu Almeida,
se nos falta o prégador?

Respondeu Almeida immediatamente, e com a presteza de um Bocage a um epigramma de Bersane Leite:

— Já cá temos quatro padres,
qual d'elles mais impostor...

Quasi todas ou todas as nações teem os seus repentistas com que se orgulham: a Italia conta, entre muitissimos, Perfett Zucco, Metastasio; a Hespanha, — Lope de Vega, Quevedo (D. Francisco); Portugal e Brazil, — Bocage, Bingre, Bersane, Leite, Caldas, Barreto, etc. —

Nos *outeiros poeticos*, que em tempos passados se faziam ás portas dos nossos conventos, por occasião dos abbadessados, tambem se viam muitas vezes improvisadores mais ou menos notaveis.

(1) Quando escrevemos *cantigas de tal ou qual terra*, não queremos dizer que estas cantigas pertençam *exclusivamente* a essa terra, mas que foi d'ahi que ellas nos vieram.

Os cantadores vão passando de assumpto em assumpto ao capricho da phantasia; como já disse, torna-se notavel n'estes desafios a satira individual e ás vezes fina que os cantadores mutuamente se dirigem.

Não é só nos desafios que encontramos a satira e o epigramma: na poesia popular em geral ha muitos exemplos.

Vejamos alguns especimens:

Uma velha muito velha,
velha como a saragoça,
fallaram-lhe em casamento,
de velha tornou a môça...

(CANT. DE VILLA-COVA)

Uma velha muito velha,
tão velha como o chapéo,
fallaram-lhe em casamento,
levantou as mãos pr'a o céo..

(CANT. DE ESPINHO)

Ha duas cousas no mundo
que eu não posso compr'hender:
um padre não se salvar,
e um cirurgião morrer,

(ID.)

Estes mocinhos de agora
são franguinhos de vintem:
promettem dez reis ás almas,
a ver se *lhe* a barba vem... (1)

(ID.)

É por meio de epigrammas assim que o povo desafoga dos pesadellos que o opprimem. O epigramma serve de desafogo do mesmo modo que a cantiga serve de esperança, — ambas as composições, de allivio á alma attribulada. O povo ri como chora: a poesia é o seu encanto.

(Continúa)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

CONVICÇÃO

Não diga o mundo ignaro ás almas vicejantes
Que se acabou a fé e a santidade e a crença;
Não diga á juventude em phrases conspurcantes
Que se apagou a luz da sua aurora immensa.

Não crave no seu peito o sordido punhal
D'um assassino vil, d'um vandalo sicario;
Não mude o templo santo em negro tremedal,
Nem calque,—o impio—a hostia em meio do sacrario;

E então ver-se-ha radiante a pobre humanidade
Erguer ao ceu a fronte, erguel-a d'improviso!
E então prenhe d'amor vivendo a sociedade,
Em vez d'inferno ser, será um paraizo!

Porto, = abril--78

QUEBERTO LARO.

EPISODIOS DE VIAGEM

Evitarei intempestivas e prolixas descripções, não só porque me não propuz fazel-o desde o começos d'esta narrativa, como por crêr seriam fastidiosas aos nossos leitores por serem do maior numero já conhecidas.

Jantamos deleitosamente, assistidos por vezes de companhia amavel e lacrimante, e como o apartamento era irrevogavel arrebatei o meu amigo aos seus transportes diffusivos, a quem approuve manifestar as sensações intimas e saudosas que lhe iam n'alma pela intervenção de um donativo brilhante, mas que não inquietava as solidas finanças do meu conquistador.

Abalamos em uma carruagem de 1.ª classe no trem expresso a Pariz.

O meu amigo João Bento achava-se ainda consternado pela separação violenta de caras e ternas affeições, e já lamentava as que principiava a semear.

Só vingou recuperar a alegria e o estado habitual do seu espirito na pujança dos ambientes rumorosos da civilisada metropole.

Antes de proseguir na narração, devo fazer a appresentação digna e official do meu incomparavel amigo João Bento, mimoseando os leitores ao mesmo tempo com um esboço resumido das suas qualidades physicas e moraes embellecido com um traço biographico e biologico.

O conjuncto da sua imagem incutindo-nos a rigidez e severidade de uma Cathedral, não explicava evidentemente a sua expansão alegre e jovial quando abordava o sexo meigo preferido nas suas distincções.

Exteriormente, typo genuino da fleugma, aspecto grâve, e circumspecto.

O seu carater exprimia uma honradez incontestavel e de uma philotimia assaz nobre.

Os seus habitos integros restringiam um mechanismo indefectivel.

Emittindo a veracidade, a sua presença glacial infundia uma athmosphera sombria e melancolica, e que não constituia garantia plena para um convivio ameno.

O meu amigo perfilhava invariavelmente um austero methodo e rigoroso systêma, nunca infringidos nos actos mais minuciosos do seu substancioso celibato.

Possuia o relevo das mais raras virtudes, mas o seu temperamento apostolava o socego sepulchral.

No labor industrial de que foi poderoso e respeitavel funccionario foi sempre secundado vigorosamente pela adorada fortuna e generosamente indemnisado pelo surridente quadro de — Ganhos e Perdas, que annualmente o remunerava com prodigalidade dos seus assiduos e incansaveis esforços.

Adorava correlativamente o conforto e as commodidades da existencia, que nos faculta a previdencia do *numerario*, mas sempre prudente e cauteloso em não ultrapassar as barreiras da parcimonia, em cujas digressões extra-muros nunca se aventurava.

O seu organismo essencialmente sensual era sempre submettido ás leis tradicionaes dos seus principios inabalaveis.

Na collaboração privada e physiologica da sua actividade observava sempre um regimen pathologico e hygienico.

A estatura mediana e robusta accusava fórmas herculeas, a tez rosada, cabellos loiros, suissas e bigode castanhos, o nariz rubro e a planta direita um tanto incorrecto; de resto resumia os attractivos necessarios á conquista da progenitura amavel que a fraqueza humana costuma distinguir.

Devo advertir que apesar da posse de qualidades e virtudes indiscutiveis, a effigie perenne do meu amigo representava um dique aos meus ardores juvenis, amesquinhando de certo modo o desejo que nutria de dilatar entre companhia alegre e folgazã as manifestações fulgentes e palpitantes que superabundavam em meu cerebro.

Era infallivel a reacção d'estes effeitos.

Era um fluido denso e cerrado que actuava com determinado grau d'intensidade nos dictames da minha vontade, onerando subsequentemente a expressão definida do bem estar.

Era a sombra da incompatibilidade nas minhas deliberações ou projectos mais intimos.

No empenho da subserviencia o nosso humor repellia com brandura as tenues contrariedades que por ventura se ingeriam em nossas deliberações e com este proceder efficaz eram sempre modificadas as primazias mutuas da vontade.

Dedicando sollicito e anhelante todo o poder pyschologico na observação curiosa e minudente do painel latejante do Progresso, sentia diffundir em torno de mim um fulgor estranho e suavissimo que me transportava a alma n'um deleite supremo.

O quadro admiravel e esplendido debuxava-se com opulencia e o seu assumpto bello e grandioso, exhibia-nos o turbilhão soberano da vida em cumiada rutilante.

Haviamos transposto o oasis da civilisação... O deslumbramento surprehendia-me, adquirindo proporções doudejantes, cuja acção encephalica luzia fascinada.

Os oraculos gentis (beneplacito da seducção humana) exerciam em meu espirito uma influencia adoravel e prestigiosa, que definiam o enthusiasmo culminante.

A cada momento se viam *tournures* provocadoras e *tailles* encantadoras, authenticando as graças e delicias do orbe.

O echo alegre e *cantabile* de um idioma expressivo prenhe de vivacidade e gentileza, mais affirmava o espirito tradicional do brilhante capitolio da raça latina.

A Ethnographia revelava-se; e as modulações vivas e chilreadoras de vocabulos endemicos, vibraram-me o tympano com phonetica meiguice.

(Continua) J. M.

VEM!

A noite vae como um beijo
jorrando balsamo a flux:
enche-se o espaço de luz
e revôa um celico harpejo.

A luz alegre e formosa
sorrindo d'entre as estrellas
vae beijando as faces bellas
e caminha voluptuosa...

Por sobre as tristes campinas
inclina o calice a flor:
— é um hymno immenso d'amor
que entoam harpas divinas.

Oh! vem sentar-te ao meu lado,
deixa-te estar sem receio,
quero morrer no teu seio,
quero ahi ser sepultado.

Oh! vem, a noite convida
á sensação, ao prazer:
dá-me um sorriso — mulher
dá-me um beijo — Casta Diva!

E á doce luz do luar
ao canto dos arvoredos,
que luminosos segredos
não havemos de contar!

Embebido mansamente
no nectar das tuas tranças
viverei como as creanças
a sonhar continuamente.

E preso nos braços teus
n'um sonho doce e profundo
esqueceremos o mundo
e voarêmos para os céos.

Oh! vem — esplendida flôr
chega-te a mim sem receio:
— quero lêr sobre o teu seio
a biblia eterna do amor!

Porto—1878.

XAVIER DE CARVALHO.

A ARTE MODERNA

FRAGMENTO DO OPUSCULO INEDITO — O PROGRESSO

A arte!

A applicação da esthetica!

A arte! Que é ella hoje?

Formosissima mulher: brinca-lhe nos labios um sorriso sensual; a bocca entreabre-se encantadora; os cabellos vastos e compridos, leves e dourados fluctuam ao sopro da brisa que lhe beija a face rosada e mimosa; formas divinas e esculpturaes, illuminadas por um sol benefico e purpureo!

Lancemos um olhar para a arte antiga.

Pesada, desgraciosa e monotona, a arte elevou na India, o *pagode*, um collosso que parece querer subir ás alturas do céo com a sua architectura disforme, andar sobre andar, columna sobre columna; consagrou a Brahma nas profundidades das montanhas templos incomprehensiveis, onde por vezes o elephante, arvorado em pilar, sustenta a aboboda. Estendeu-se em seguida ao Egypto, levantou a pyramide, modelou o hieroglyphico, esculpiu a esphinge, triste e arida como o deserto, ardente como o halito do *simoum*.

No Egypto, «na arte ha o immenso e a tristura do *deserto*, ou a monotonia do *meio*. A arte é a pyramide; arte funeraria, enorme e mysteriosa. Vive-lhe a morte lá dentro, se póde dizer-se assim. O obelisco como o pilou são similes de pyramides.

.....

A plastica reduz-se quasi á escriptura figurativa e a uma estatuaria typica onde a ataraxia é o canon supremo.» (1)

Aqui decerto reflecte-se o naturalismo, influencias de climas e de raças; mas se virmos a Europa reconheceremos na architectura romana (pagã) a tristeza d'esse mundo soffredor e desesperado. Lá o cimbrio era o seu caracter.

Mas a evolução trouxe-nos a architectura da edade-média. Paremos um pouco aqui, o assumpto é digno de analyse.

Na meia-edade, a architectura é um labyrintho de linhas que se crusam em todas as direcções formando um todo unico, correcto, admiravel! A copula rendilhada ergue-se como o braço d'um gigante; as janellas em ogiva, scintillantes com vidros de mil côres, deixam coar a luz que vem innundar o pavimento em mosaico de naves espaçosissimas, ou os claustros por cuja vastidão se perde a vista sem encontrar objecto que a fascine, tal é a grandeza, a profusão, o bem aca-

(1) L. Cordeiro — *Livro de Critica* — pag. 47.

bado de todos os relevos, que parecem mais modelados em barro que talhados na pedra.

A cathedral gothica é a perfeição architectonica: o gothicismo é a arte nova. «A cathedral gothica lembra a floresta druidica, os alcantis á beira-mar, onde a virgem de louros cabellos vae segredar ás vagas o seu immenso amor.» (1)

«Eis ahi o progresso. O progresso não consiste como geralmente se crê em attingir na ordem simples uma especie de perfeição relativa, mas em perseguir na ordem complexa o maior numero possivel de impressões, e em fazer por assim dizer o circuito da alma humana, fallando ao mesmo tempo a todos os sentidos e a todas as faculdades.» (2)

Em seguida a *Renascença*, fazendo um conjuncto das artes pagã e christã, embriaga-nos com o seu estylo, fundando-se no eclectismo.

Se, dizem alguns, na architectura se accentua o progresso, a esculptura da antiguidade venceu a moderna; e apresentam não sei quantos esculptores que teem os nomes de Phidias, Belvedere, Milo, etc, etc.

Côres indecizas, planos fortes de natureza, mas incorrectos aqui, colorido com uso, e por vezes fraco, figuras delineadas por pincel inhabil, eis o quadro desgracioso e incorrecto, que eu me propuz tratar das magnificencias da sciencia e da arte.

A Grecia, que todos nós conhecemos, é a terra classica do archeologo; effectivamente o artista deve demorar a vista n'esses panoramas por onde se descobrem amplas grandezas a par de uma natureza luxuriante e um solo fecundissimo. A Grecia é a terra onde a arte teve mais cultura; os grandes homens nasceram lá. A arte grega recebeu uma fórma distincta, filha da evolução; quando, porém, fallando da arte moderna, louvando-a dizem-nos muitos: — Loucura! Imitae a arte grega.

Mas imitar o quê? A *fórma*?

Ouçamos o que diz Thoré: (3)

«O mundo physico protesta contra a imitação plastica da arte grega ou romana.

A fórma humana tem-se modificado sensivelmente desde o paganismo e *parallelamente ás revoluções do espirito*. É a phrenologia sobre tudo, que, estudando a conformação da cabeça, signala estas differenças singulares.»

Os gregos amavam a fronte breve e ás estatuas davam doze cabeças de altura, como media o Apollo de Belvedere, porque, disiam, quanto mais pequena fôr a cabeça mais esculptural é a *pose*, e a formosa Venus de Milo tinha a cabeça da grossura do braço.

Nós agora amamos a realidade, damos a expressão de vida ao rosto, o que não acontecia com Phideas que lhe imprimia a impossibilidade; tambem não nos preoccupamos com a belleza *ideal* dos corpos, a que damos oito cabeças.

A antiguidade contava uma immensidade de estatuas symbolisando deuses e descambava n'uma *venusidade* infinda; mas hoje a plastica modela os vultos olympicos dos grandes homens que nos edificaram com as suas virtudes civicas; imita o natural e com o *realismo* transmitte ao marmore como ao bronze ou á pedra a mais perfeita imitação de uma vida palpitante.

(1) Id. pag. 34.
(2) E. Pelletan — *Le monde marche* — pag. 229.
(3) T. Thoré — (Burger) *Le salon de 1844.*

Fallando de artes é impossivel deixar de lançar um olhar sobre duas d'ellas: uma que deleita a vista — a pintura: outra que sensibilisa a alma — a musica.

Tratemos da primeira. Só dous traços.

Que era a pintura na antiguidade?

São demasiado escassas as bazes d'onde possamos tirar o nosso juizo; a julgar pelos restos que mui raramente se apresentam, a pintura foi uma imperfeição.

Herculanum e Pompeia dão-nos uma especie de baixo relevo em *pintura*. Nada mais simples nem mais desgracioso na figura e colorido.

Quanto á paysagem, «a antiguidade, n'este ponto, nunca saiu da puerilidade de chimera; uma ponte aqui, um portico além, ao lado um viveiro, uma arvore em qualquer sitio.» (1)

Não havia a prespectiva, essa theoria tão indispensavel á correcção do quadro que obrigou Leonardo de Vinci a dizer que ella era o leme da pintura.

Por diversas evoluções passou a pintura.

Já ella foi gothica com a linha ascendente; depois o bysantinismo e os seus apostolos e fundos d'ouro, depois mil pinceis vigorosos: Tintoreto, Raphael, Veroneso, Rubens, Don, Murillo, Remlerandt, etc, até que a pintura se transformou nas corôas de Lacroix. Ingres, Proud'hon, Decamps, Courbet, e muitos outros talentos robustos, sublimes, desapaixonados.

A musica grega era muito simples, preferiam o sólo ao concerto, porisso eram só dois, o muito, os executantes. Fracos e pouquissimos (a fistula, a harpa, a lyra, o tympano, a flauta, e poucos mais) foram os instrumentos dos gregos.

Mas o progresso accentua-se vigorosameute na arte musical, como em tudo.

Quatro ou cinco instrumentos satisfariam á execução de qualquer das operas de Verdi, Rossini, Meyeeber, Beethoven, Hayden, etc?

Que torrentes de harmonias não saem dos cerebros inspirados d'estes maestros, que em delirios nos levam a assistir ao pelejar d'uma lucta, que nos fazem ver a animação d'um enthusiasmo, d'uma grande ideia, que em suaves melodias nos imprimem mil sensações, que nos mostram os hymnos melancholicos do cair d'uma tarde, quando o occaso doura as cumiadas das montanhas!

Maestros, uns austeros e vigorosos, como as ventanias que fazem ondeiar as searas murmorosas, outros poeticos e castos como o sentimento religioso, outros tristes e saudosos como o gemer do orgão, outros derrancadores, saltitantes de graça como Lecocq e Offembach!

E a opera com a simphonia, com a melodia, com o duo, o terceto, o quarteto, o côro um conjuncto admiravel de musica e de lettra, de movimento e decoração de vida e luz, que tem alguma cousa de sublime e arrebatador, o que será?

A expressão formosa do progresso.

Terminemos para não percorrermos a poesia nem a arte dramatica. Isso dava para volumes, não se podia circumscrever nos limites algumas linhas.

A poesia é a voz da revolução, como disse um distincto escriptor portuguez, se bem me lembro. Ella

(1) E. Pelletam — *Le monde marche.*

hoje, já não anda encharcada nas orgias de Homero, nem salpicada com o vinho das comedias de Aristophanes, assim como se não embrenha nas metaphysicas e nos erros de uns certos vates antigos.

Tem um grande ideial — a humanidade, : uma voz — o bem: um sceptro — a justiça.

Ella, ha pouco, na harpa eolia de Herculano foi sagrada, e agora na lyra estridente e realista de Victor Hugo, o primeiro poeta do mundo, troveja como a ideia que a inspira, arrojada como o pensamento, e gloriosa com a liberdade.

Porto.—1878

XAVIER PINHEIRO.

DEA

—

Tu não sabes, mulher, a adoração profunda
da minha alma febril, quando de luz a innunda
um teu sorrir d'amor — ó pallida cecem; —
nem tu pensas que então, ardente e venturoso,
te imprimia na tez um beijo respeitoso,
como um beijo que eu desse em minha santa mãe!

Porto

BAPTISTA COIMBRA

PABULUM VITÆ

(Conclusão do n.º 5, pag. 40)

Os dois extremos de calôr e de frio, são sempre prejudiciaes á vida animal; comtudo a resistencia organica póde tolerar+50° centigrados, quando opposta a uma temperatura elevada e — 46°, quando opposta a uma temperatura baixa.

Os effeitos produzidos quer por excesso de frio, quer de calôr, são sempre destruidores; o frio em excesso enruga e torna espessa a pelle, congela uma ou outra parte do corpo mórmente as estremidades inferiores, o nariz e as orelhas, asphyxia, produz congestões sanguineas do cerebro e ataques apopleticos; o calôr em demasia inflamma o cerebro e suas membranas, torna o ar mais raro e dilatado roubando-lhe parte de seus principios vivificadores; e, de rarefeito que fica, obriga a uma respiração laboriosa e difficil, produzindo tambem a asphyxia, dôres de cabeça e outras enfermidades que levaria longe ennumerar. Os exemplos em que o frio, phantasma monstruoso, com seus rigores eternos, tem produzido a destruição e a morte, são de todos os tempos.

Diz Mr. Mutel, referindo-se á retirada de Moscow: presenciamos dolorosamente muitos dos nossos jovens collegas quedarem-se repentinamente, assentarem-se e apezar de todas as instancias, cerrarem os olhos e adormecerem no somno eterno.

O frio cauzou a total perdição dos exercitos de Carlos XII.

E já na antiguidade Xenophonte notou nos seus dez mil guerreiros em retirada *a gangrena das extremidades* produzida pelo frio.

O calôr em excesso produz da mesma sorte effeitos perniciosos: ha exemplos sem numero.

Fleury, hygienista notavel, diz: que presenciou nas guerras d'Africa, soldados expostos a um sol ardente soltarem um grito, apoderar-se d'elles o delirio e allucinados chegarem a suicidar-se.

Os habitantes da Zona temperada são aquelles que melhor supportam, ainda assim, os extremos d'um calôr abrasador e d'um frio glacial, e entre esses habitantes especialmente os francezes, portuguezes, espanhoes e italianos.

E desta arte o machinista maravilhoso da natureza, movendo assombrosamente o scenario variado, grandioso e extraordinario d'esses mundos que gravitam no espaço, de tal forma ordena e tão sabiamente quadra essas leis immortaes que regulam esse movimento que n'este pequeno ponto do espaço, torrão abençoado que se chama terra, o homem, quer se chame Lapão, quer Hottentotte; o irracional quer se chame Renna, quer tigre de Bengala, tem em volta de si esse involucro invisivel que se chama *pabulum vitæ* da existencia animal.

Porto.

JULIO VICENTE.

SCINTILLAÇÕES

I

SONETO

Somnambulas do amor, virgens doiradas,
que sois de poetas vãos, vãs esperanças:
ó labios matinaes, mimosas tranças,
braços de neve, faces perfumadas:

por vós, andam perdidos nas estradas
os *dandys* e os vadios, ó creanças;
por vós, sonetos mil, canções, charadas,
vão sempre p'ra o *Almanach de Lembranças*.

Valeis das orientaes toda a riqueza;
estaes nos thronos de ouro da poesia,
como uma bella e olympica princeza;

mas tereis o dobro da valia,
se gastasseis, ó anjos da belleza,
pó de arroz com mais economia...

(Continua)

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Porto: 1878—Typ. Commercio e Industria, rua do Corpo da Guarda, 29.